

FUGA DE NEGROS EM ANÚNCIOS DE JORNAL DO SÉCULO XVIII – O GÊNERO CONFIGURANDO UMA AÇÃO SOCIAL

Shirlei Marly Alves¹

Resumo

Este artigo apresenta um estudo de anúncios sobre a fuga de negros, publicados no jornal *O Cruzeiro*, que circulou na cidade de Recife-PE no século XIX. Buscou-se analisar as relações sociais do período a partir da análise sociorrética do gênero, com apoio nas postulações de Carolyn Miller e Charles Bazerman. Verificou-se que os anúncios evidenciam, em sua estrutura retórica, as ações legitimadas pelo contexto social vigente e instaura uma interação social de cooperação entre o anunciante e o público-alvo no sentido da manutenção do *status quo* vigente.

Palavras-chave: Escravidão. Anúncios de escravos fugidos. Gênero. Fato social.

Abstract

This article presents a study of announcements about the flight of blacks, published in the newspaper *O Cruzeiro*, which circulated in the city of Recife-PE in the XIX century. We attempted to analyze the social relations of the period from the analysis of gender sociorrética, with support in the nominations of Carolyn Miller and Charles Bazerman. It was found that the ads show in its rhetorical structure, actions legitimated by the prevailing social context and establishes a cooperative social interaction between the advertiser and the audience towards maintaining the status quo.

Keywords: Slavery. Ads for runaway slaves. Genre. Social fact.

1 INTRODUÇÃO

Carolyn Miller (2009, p. 33) afirma que “Estudar os usos típicos da retórica e as formas que ela assume nesses usos nos diz menos a respeito da arte dos retores individuais ou da excelência de textos particulares do que sobre *o caráter de uma cultura ou de um período histórico.*” Essa foi a base em que nos apoiamos para realizar este estudo dos anúncios de fuga de negros publicados no jornal *O Cruzeiro*, o qual circulava na cidade de Recife no século XIX, buscando identificar

traços da cultura da época, com foco nas relações estabelecidas entre os anunciantes e o público leitor, a partir da organização retórica dos anúncios.

A fim de melhor situar o quadro sociocultural dos anúncios, nos itens seguintes, apresentamos uma contextualização histórica da escravidão no Brasil, bem como dos anúncios sobre a fuga dos negros.

¹ Professora da Universidade Estadual do Piauí. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco.

2 CONTEXTO SOCIAL DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL: FUGAS E CASTIGOS

Desde que se tornou colônia de exploração de Portugal, o Brasil se transformou num grande consumidor do comércio de escravos provindos de vários países da África, sendo os negros destinados principalmente ao trabalho na lavoura canavieira, onde, devido aos excessos de jornada, à alimentação deficiente e aos maus tratos, duravam, em média, 30 anos de vida. De acordo com Marquese (2006), enquanto o trabalho escravo em território europeu perdia vulto, com parca importância econômica,

A recriação do escravismo, com o emprego massivo de escravos nas tarefas agrícolas, seria realizada por portugueses e espanhóis só após a segunda metade do século XV, com a introdução da produção açucareira nas ilhas atlânticas orientais (Canárias, Madeira, São Tomé), e, no século XVI, com a colonização da América.

Conforme o autor, para o Brasil, entre 1576 e 1600, nos portos brasileiros, desembarcaram cerca de 40 mil africanos escravizados, sendo que, no quarto de século seguinte (1601-1625), esse volume mais que triplicou, passando para cerca de 150 mil, a maioria destinada a trabalhos em canaviais e engenhos de açúcar. Já na segunda metade do século XVII, cerca de 360 mil africanos foram trazidos para o Brasil, num período de conjuntura internacional bastante adversa para o comércio do açúcar, quando essa cultura começava a ser desenvolvida nas Antilhas, levando a produção brasileira a uma crise devido à baixa no preço do açúcar no mercado europeu.

O intenso comércio negreiro para a colônia brasileira tornou o negro uma mercadoria socialmente barata, o que permitia que a escravidão se disseminasse pelo tecido social brasileiro, distribuída por diferentes faixas de riqueza, “sem concentrá-los apenas nas mãos dos senhores mais capitalizados ou mesmo dos proprietários brancos.” (MARQUESE, 2006). Já na segunda metade do século XIX, a Inglaterra impôs aos seus parceiros comerciais, incluindo o Brasil, o fim do comércio escravo, passando a perseguir e aprisionar os navios negreiros. Nesse contexto,

Os riscos tornaram-se, então, maiores, com prejuízo algumas vezes total, quando o navio negreiro era pilhado em alto-mar e o carregamento perdido quer pelo aprisionamento da embarcação, quer pelo extermínio total da carga. Nos primeiros tempos, de uma forma generalizada, o valor médio de um escravo oscilava entre 20 e 30 libras esterlinas, havendo momentos excepcionais em que este preço atingia a 100 libras.

É cabível deduzir que, diante dos constantes riscos em que a política inglesa punha a importação de escravos, estes se tornavam mercadoria cada vez mais valiosa, e sua perda pelas fugas passou a ser uma grande preocupação dos seus proprietários.

Tais fugas eram motivadas, principalmente, pelos constantes maus tratos a que eram submetidos:

Os erros e a preguiça eram castigados das formas mais diversas e brutais, indo da palmatória às chicotadas, que deixavam as costas e nádegas em carne viva, colocando-se nas feridas montes de sal para que a dor se prolongasse por dias e o castigo jamais fosse esquecido. Além desses castigos havia outros ainda mais rigorosos, em que se utilizavam aparelhos de tortura.

Outra prática cruel era marcar os escravos como se fazia com o gado, começando pela marca que recebiam ao sair da África: uma cruz no peito para indicar sua condição de novo cristão. Na chegada ao Brasil, alguns recebiam ainda a marca do senhor, enquanto no corpo dos negros fujões costumava-se imprimir um F, indicação de sua fuga e captura. Ao anunciarem as fugas, uma das formas de identificar os fugidos era justamente a descrição dessas marcas, conforme se verifica no corpus analisado adiante.

O desejo de escapar do domínio senhorial e construir um local seguro, onde pudessem viver comunitariamente, os escravos construíram os quilombos, que se constituíam de construções fortificadas em áreas remotas das matas. Nessas

comunidades, buscavam recompor a cultura deixada na África, adotando um sistema de sobrevivência comunal, com a divisão da produção. Localizavam-se essas comunidades em grande número nos estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas. Conforme Siqueira (*on-line*, p. 3):

Os Quilombos representam uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil, em resistência ao sistema colonial-escravista, atuando sobre questões estruturais, em diferentes momentos histórico-culturais do país, sob a inspiração, liderança e orientação político-ideológica de africanos escravizados e de seus descendentes de africanos nascidos no Brasil.

O maior desses quilombos foi o Quilombo de Palmares, como afirma Marquese (2006, *on-line*):

Ainda que as estimativas das fontes coevas e dos historiadores sobre o número total de habitantes diverjam bastante — de um mínimo de 6 mil a um máximo de 30 mil pessoas , não há como negar que as comunidades palmarinas, dada a extensão territorial e a quantidade de escravos fugitivos que acolheram, tornaram-se o maior quilombo na história da América portuguesa.

Em Pernambuco, de acordo com Benjamin (2004 apud SIQUEIRA, *on-line*), situado nas matas de Catucá (onde hoje se localizam os bairros de Dois Irmãos e Beberibe), nas vizinhanças de Recife, o Quilombo de Catucá, que tinha como líder o negro Malunguinho, no final da década de 1820, tornou-se uma grande preocupação para as autoridades. Em função do seu líder, essa comunidade também ficou conhecida como Quilombro do Malunguinho, “cuja vida e morte está intimamente ligada à história política e social de Pernambuco como um todo.” (CARVALHO, 1998, p. 07). O autor acrescenta que “Enquanto durou, foi a alternativa mais radical para os cativos do Recife e da zona da mata seca, daí a sua importância para o entendimento da resistência escrava, não somente no interior, mas também no principal núcleo urbano da província.” (idem, *ibidem*).

A perda da força de trabalho devido às constantes fugas levava os senhores a adotar medidas como a de manter as fazendas constantemente vigiadas por feitores. Isso dificultava, mas não impedia que os negros, escapassem e penetrassem nas matas, sendo que os capitães-do-mato organizavam expedições de caça aos fujões, os quais, “aprisionados, eram levados de volta à fazenda para,

além das costumeiras vergastadas, serem marcados como fujões e ainda receberem ao pescoço uma canga.”

Outra medida rotineira era publicar anúncios em jornais, dando amplo conhecimento das fugas e oferecendo recompensa a quem restituísse o escravo fugido. Tais anúncios podem ser conferidos no corpus analisado. A imprensa era, desse modo, um veículo poderoso na empreitada dos senhores de escravos, sendo que, na cidade de Recife um dos jornais que veiculavam tais anúncios era O Cruzeiro, jornal político, literário e noticioso que circulou em Recife no período de 4 de maio de 1829 até o dia 6 de maio de 1831.

3 GÊNERO E AÇÃO SOCIAL – ANÚNCIOS DE NEGROS FUGIDOS NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Gênero textual impresso publicado geralmente em jornais e revistas, o anúncio faz parte do conjunto denominado propaganda, que visa à divulgação de um produto ou serviço ou, ainda fazer circular uma informação. Segundo o dicionário Michaelis (*on-line*),

anúncio: *sm* (de *anunciar*) **1** Aviso, participação. **2** Mensagem de venda ou mensagem institucional, com assinatura ou qualquer outra forma de identificação clara do interessado que a faz, destinada a influenciar os prováveis compradores de um produto ou serviço, transmitida através dos vários meios de comunicação com o público, ou veículos.

Os anúncios de negros fugidos, publicados no jornal O Cruzeiro, a exemplo do seguinte, permite-nos situá-los numa categoria mais específica: a dos anúncios classificados:

Para o amanhecer do dia 17 de Abril fugio hum Mulatinho, de nome Alexandre; de idade 16 annos com os signaes seguintes: alto, e seco cabellos crespos; tres noduas; huma na coxa, e huma em cada barriga da perna, e varias marcas de chagas pelo corpo: quem sober d'elle o poderá pegar, e conduzir a caza de Joaquim da Silva Pereira rua do Queimado D. 10. (JORNAL O CRUZEIRO)

O dicionário Michaelis (op. cit.) apresenta o seguinte significado de classificado: “pequeno anúncio de oferta ou **procura de bens**, utilidades e serviços, que, junto com outros da mesma natureza, forma grupos, de mesmo assunto, em uma seção especializada de jornal ou revista.” (ênfase adicionada).” A última parte do anúncio, na qual se faz um apelo para a captura do negro fugido torna nítida a atitude de procura do bem perdido pelo anunciante.

Nicolau (2005, *on-line*) confirma essa categoria em trabalho também sobre anúncios publicados na cidade de Recife. Afirma a autora: “No Brasil, na época da escravidão, eram os reclames, pequenos textos sem ilustração, alguns sem títulos, do tipo “classificados”, que cumpriam a mesma função. Estes tipos de anúncios foram chamados de reclames até a década de 50.”

Para análise, selecionamos anúncios de negros fugidos publicados no século XIX, no Jornal O Cruzeiro, em Recife, Pernambuco, enfocando padrões relativamente estáveis de textos e atividades, buscando responder ao seguinte: Qual o sistema de atividades que se concretiza nesses anúncios? De que modo as tipificações dessas atividades se refletem na organização discursiva desses anúncios? Como as relações sociais se instauram a partir dos anúncios?

3.1 Ação social, tipificação e gênero na configuração dos anúncios de negros fugidos

Bazerman (2006, p. 19), discorrendo sobre fatos sociais, atos de fala, gêneros, sistemas de gêneros e sistemas de atividades, afirma que “Esses conceitos sugerem como as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimentos, fazendo uso de textos.” No caso deste trabalho, nos debruçamos sobre anúncios classificados de negros fugidos, como os seguintes:

(39) No dia 5a. Feira Santafugio hum escravo por nome Manoel de Nação da Costa de Benin com officio de Caranguegeiro, tem uma fistula no beijo de baixo, o braço direito deslocado: qualquer capitão de campo, que o pegar, ou outra pessoa o podera comduzir a rua do Rozario no Botiquim novo, que será bem recompesado. (94)

(40) Dezappareceo desta Cidade o preto Victorino desde o fim do mez de Março deste anno, o qual he Mussambique, representa 18 annos de idade pouco mais, ou menos, estatura ordinaria, que foi captivo de Manoel da Costa Lima da Paraiba, hoje Escrivão do abaixo assignado tem mais de signaes, a marca de huma chaga junto ao tornoselo de hum dos pez, tem um botão de carna entre as duas sombrancelhas, signal este de sua nação, e os olhos hum pouco languidos; quem o achar procure na rua do Colegio n° 10 ou na Cadêa desta mesma Cidade, que achara o Sr. que gratificará o trabalho de quem o pegar (*Manoel Jozé de Mello*). (94)

Analisando o modo como os diversos gêneros de texto configuram atividades sociais, o autor considera que “[...] esses documentos criam fatos sociais que afetam as ações, direitos e deveres das pessoas” (op. cit., p. 21).

Os anúncios da fuga de escravos criam, nesse sentido, fatos sociais consubstanciados no direito dos senhores de escravos de reclamarem a fuga dos cativos e autorizarem a sua captura, isto é, tais ações (caça, captura, devolução) são legitimadas nos anúncios, os quais refletem o quadro social escravocrata e contribuem para fortalecê-lo.

Os anúncios, no contexto social que os tornava possíveis, estavam atrelados a um conjunto maior de outros gêneros textuais (legislação, termos de posse) que atestavam a existência do regime de cativo dos negros, pois “Cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social”. (op. cit.).

Nessa perspectiva, anunciar a fuga de escravos, descrevendo-os, solicitando cooperação, oferecendo recompensa, era uma ação realizada pela linguagem e legítima no contexto do século XIX, período de vigência do regime escravagista, quando o sistema de atividades humanas comportava anunciar fugas de escravos. (BAZERMAN, 2004). Ou seja, essa ação só se torna significativa naquele contexto, diferentemente do que ocorreria hoje, onde não se encontra um encaixe para tal ação linguageira, como corrobora Marcuschi (2002, p. 29), ao afirmar que os gêneros textuais “[...] se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual.”

Em se tratando de uma situação recorrente, Bazerman (op. cit. p. 29) aduz a noção de tipificação para explicar de que modo se constituem os diversos gêneros de texto, entre eles o anúncio:

Uma maneira de coordenar melhor nossos atos de fala uns com os outros é agir de modo típico, modos facilmente reconhecidos como realizadores de determinados atos em determinadas circunstâncias [...] Se começamos a seguir padrões comunicativos com os quais as pessoas estão familiarizadas, elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar. Assim podemos antecipar melhor quais serão as reações das pessoas se seguimos essas formas padronizadas e reconhecíveis. Tais padrões se reforçam mutuamente. As formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadas emergem como gêneros.

Decorrentes dessas postulações é o conceito de tipificação como um “Processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias e de uma compreensão padronizada de determinadas situações.” (BAZERMAN, 2006, p. 30).

Nesse sentido, para recuperar seus escravos, os anunciantes publicavam um anúncio (enunciado padronizado), realizando determinadas ações - apresentar características dos fugitivos (nome, aspecto físico, marcas adquiridas, vestuário, atitudes), solicitar colaboração, prometer recompensa, informar onde entregar o indivíduo capturado – com o que se configurava uma forma de interação entre anunciador e público leitor – o de cooperação na manutenção da ordem vigente, isto é, a do negro cativo, e não livre pela fuga.

A situação social típica – a perda do escravo, a necessidade de recuperá-lo – enseja a recorrência comunicativa – de informar a perda, de solicitar ajuda, o que acaba por tipificar essa forma de comunicação, fazendo emergir o gênero anúncio de fuga de escravos. Miller (2009, p. 23) destaca que, “Se gênero representa ação, tem que envolver situação e motivo, uma vez que a ação humana, seja simbólica ou não, somente é interpretável num contexto de situação e através da atribuição de motivos.”

Implícito nos anúncios, mas perfeitamente recuperável do contexto social, o motivo para a existência dos anúncios nada mais era do que a premente necessidade de manter inalterada a situação que a escravidão permitia, ou seja, o trabalho forçado e sem remuneração dos negros, o que gerava uma situação de conforto para quem os possuía.

Nesse sentido, de acordo com Bazerman (op. cit., p. 31), “Gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a propósitos práticos.” Os senhores de escravos, ao fazerem uso dos anúncios de jornal, buscavam atingir seus intentos a partir de uma compreensão dos leitores e de outros a quem chegasse a notícia da fuga, fazendo-lhes *um apelo de colaboração*. Desse modo coordenavam seu desejo de recuperar o escravo fugido com a ação (dos outros) de caçá-los e de ganhar recompensa, desse modo buscavam atingir o propósito de recompor o patrimônio e a situação da sociedade equilibrada.

Miller (2009, p. 32), em vez de motivo, recorre à noção de exigência, afirmando que “A exigência precisa ser vista não como causa da ação retórica nem como intenção mas como motivo social.” (p. 32). No caso, a exigência social era que os negros fugidos fossem denunciados e capturados, a fim de se manter o *status quo* reinante, evitando-se a ameaça da conivência e do conformismo dos senhores, o que poderia encorajar outras fugas. Os motivos, como enfatiza Miller, não são privados ou idiossincráticos (isto é, não havia apenas a necessidade dos senhores de escravos de recuperar o negro), eles são produtos de nossa socialização (evidencia-se principalmente o imperativo de não se perder uma forma de dominação).

Assim, mesmo que de forma não totalmente consciente, o anunciador dos escravos fugidos se engajava numa ação que extrapolava o seu desejo individual, sendo o gênero anúncio classificado sua forma de participar daquela situação de “uma maneira socialmente reconhecível e interpretável”. (MILLER, op. cit. p. 32)

Os gêneros dão, pois, forma às atividades sociais, sendo que, no caso em análise, os anúncios dos escravos fugidos atraíam os leitores para a ação de perceber ali uma falta, um quadro de desequilíbrio que precisava ser corrigido com a captura do escravo fujão. Desse modo, havia uma mobilização para a ação de repor o bem ameaçado de perda. São atividades e papéis sociais estabelecidos.

Miller (2009, p. 22) enfatiza que “é através do processo de tipificação que criamos recorrências, analogias, similaridades. O que recorre não é uma situação material (um evento real, objetivo, factual), mas nossa interpretação do tipo (situacional).” Essa advertência da autora importante para a análise de um aspecto da ação de descrever o escravo fugido, qual seja, o de caracterizá-lo a partir de uma marca de violência, como se percebe nos destaques dos seguintes anúncios:

No dia 1.º de Junho do corrente fugio huma Negra de nome Firmina, a inda nova, meia bruta, de Nação Benguella, com os signaes seguintes – representa ter quinze annos, rosto redondo, estatura ordinaria, **e tem no groço dos braços assim do cutuvello de alguns talhos** – levou dois vestidos, hum de riscado azul, e outro de chita roxa da Fabrica por sima do azul, os aprehendedores a deverão conduzir a rua da Cadeia do Recife, a caza de Arcenio Fortunato da Silva, onde receberão a recompensa do seu trabalho. ficada de senhor de escravos que busca seu bem ameaçado de perda e solicita colaboração corresponde à ação retórica tipificada nos anúncios – informar a fuga, descrever o fugitivo, solicitar cooperação e prometer recompensa.

No dia 25 de Setembro p. p., fugio huma Molata de nome Ignacia, de estatura mediana, cheia do corpo, marcas de Bexigas, as unhas das mãos pouco regulares, os pés

pequenos, **e tem entre os peitos o signal de huma ferida**: sua proprietária Brizida Maria Soares da Cunha tem bem fundadas suspeitas de que ella se acha acolhida em alguma caza particular, e ainda que saiba, e esteja disposta a tributar respeitos, com tudo reconhece também que elles tem lemite; Roga por tanto, que averificar-se seu juizo, se sirvão mandar entregar dita Molata, do contrario protesta desde ja por em acção tudo que lhe permitir a Lei. Se porem não for exacta a sua desconfiança, qualquer Capitaõ do Campo, ou outra pessoa, que a pegar, e conduzir á caza da sua residencia rua da Sanzalla N° 67 sera' recompensado com aquantia de 50&000 reis.

Segunda feira 8 do corrente desapareceo hum molato por nome Luís, alto, magro, **e tem hum pé pouco inxado**; os apreendedores dirijaõ-se a casa D. 38 no Aterro da Boa Vista, que seraõ recompensados.

Em o dia 10 de maio do anno proximo passado desapareceo hum preto por nome Joaquim, que representa pouco mais ou menos 30 á 35 annos de idade, Nação Songo, estatura alta olhos apertados e vermelhos, rosto comprido e pouca barba, canellas finas, **e tem no pulso direito huma sicatriz de cutilada, e mais sicatrizes no mesmo lado**: falla pouco Portuguez, tem falta de ouças, e de cabellos na cabeça, de carregar pesos. Levou vestida camisa de baêta azul nova de mangas curtas, e siroulas de algodão. Ha toda a suspeita que este negro foi seduzido. As pessoas, que o prenderem, ou delle tiverem noticia, dirijaõ-se a rua da Senzalla velha caza n° 20, 3° andar.

Se hoje facilmente associamos tal descrição a uma confissão dos maus tratos a que submetiam seus escravos, à época, quando era banal o escravo ser supliciado por seu senhor, a interpretação podia ser bem diferente: tratava-se apenas de uma forma mais segura de identificar o negro fugitivo, sem que se associasse, necessariamente, o motivo de sua fuga justamente ao suplício. A postulação de Miller esclarece o modo como cada situação direciona a interpretação que fazemos nas situações tipificadas.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. e adap. Judith Chambliss Hoffnagel. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues>. Acesso em 29/12/2011.

CAÉ, Rachel. **Mobilidade social de negros e escravos na fronteira sul do Império Brasileiro**. In: 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba: 2009. Disponível em <http://www.labhstc.ufsc.br/ivencontro/pdfs/banners/RachelCae.pdf>. Acesso em: 19/12/2010.

CARVALHO Marcos. Rumores e rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife, 1817-1848. **Tempo**, Vol. 3, n° 6, Dezembro de 1998. Disponível em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-5.pdf. Acesso em 03/01/2011.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A.(orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, n. 74, Mar. 2006.

NICOLAU, Roseane. Aspectos da vida social pernambucana em anúncios do século XIX: uma análise dialógica do discurso. Revista Eletrônica Temática, 07 de maio/2005. Disponível em <http://www.insite.pro.br/.pdf>. Acesso em 30/12/2011.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares**. Disponível em conaq.org.br/doc_copiar.php?id=15. Acesso em 02/01/2011

MILLER, Carolyn R. **Estudos sobre Gênero textual, Agência e Tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.